

ESTRADA PARA GAIVOTAS

AMOSTRA

ESTRADA PARA GAIVOTAS

AMOSTRA

ALESSANDRO
THOMÉ



Rio de Janeiro, 2025

AMOSTRA

Para Karina Carron

SUMÁRIO

1	BREVE REGRESSO RUMO À FRENTE	9
2	O BIG-BANG	12
3	COBRINDO A DESCOBERTA	19
4	COMEÇAM AS CORRIDAS	25
5	TERMINAM AS CORRIDAS	35
6	DOIS RUMOS	40
7	QUEDA DE UM, DESESPERO DE OUTRO	46
8	O HOMEM-ESTÁTUA	55
9	VACAS QUE NÃO EXISTEM EMAGRECEM	64

10	UM BREVE RETORNO	71
11	DESCULPEM-ME. VOLTEMOS	80
12	TODOS QUEREM ACREDITAR	91
13	A ESPERANÇA E O DINHEIRO	99
14	COM QUANTOS TUDO SE FAZ UMA JANGADA	108
15	HORA DE PARTIR	117
16	UMA NOVA CASA	122
17	OS MORTOS NÃO ENVELHECEM	128
18	O MUNDO É MUITO PEQUENO	133
19	A MINHA MORTE, A MORTE DA ILHA, O FIM DO MUNDO	143

1

BREVE REGRESSO RUMO À FRENTE

De todos os regressos em sua caminhada para o futuro, este foi o primeiro que fez Vado perceber que às vezes o futuro se encontra no que já passou. Parado, olhando para a estrada de areia, que não se coloria mais de bandeiras para ver dois garotos correrem, o menino Vado tinha seu primeiro lampejo de compreensão sobre o que estava por vir e lamentava que, na pequena Capimbataibirecanduba, não houvesse ninguém capaz de adiar o passo que estava prestes a dar.

Ele gostaria de correr mais uma vez, e bem que poderia fazê-lo agora. Mas não haveria prêmio, nem dinheiro. Pior do que isso, não haveria Bisqui, a quem Vado desejava vencer novamente. Disso dependia sua vida e...

Pronto. O tal passo fora dado. Era o que ele temia. Temia o dia em que sentiria que sua vida dependia de mais alguém que não dele próprio. Isso era ser adulto. Era o passo, o pior de todos os passos. A única vantagem disso era agora entender os motivos de Bisqui, que um ano antes havia pescado um peixe de uma maneira estranha, o que o fez se enxergar como um homem, e não mais uma criança que deveria correr para tentar ganhar um prêmio que manteria sua boca bem fechada. Mas essa é uma parte da história que deve ser contada mais adiante, quando eu voltar àquele momento e deixar o tempo rolar para a frente, porque é isso que se espera do tempo. O que importa saber,

neste momento, é que Vado estava ali, no meio da estrada de areia que cortava Capimbataibirecanduba de uma ponta a outra, e que o que o fazia estar ali agora, pensativo, era a necessidade de encontrar um modo de provar que Bisqui estava errado, como estavam errados os dois cientistas que haviam dito que a ilha de Capimbataibirecanduba media oitocentos e cinquenta e dois passos de largura por mil setecentos e oitenta e quatro passos de comprimento.

E era assim mesmo, como sempre foi. Um tentando engolir o outro para sobreviver, uma obrigação imposta pela mãe de tudo e de todos. A natureza apenas havia se esquecido de explicar sua pequena lei para as crianças. E foi sábia, afinal, quem iria querer crescer se conhecesse a maioria das grandes verdades do mundo?

Vado olhou para o lado sul da ilha e em seguida voltou-se para o lado norte. A estrada se estendia de uma ponta a outra da ilha, acabando e começando no mar, como se existissem reticências que a fizessem seguir para onde quer que fosse que o mar a guiasse, como as reticências que adornam a mente dos gênios, que sabem de tudo sobre tudo.

— Claro! É óbvio! — exclamou Vado para si mesmo, porque ele era um desses gênios.

O garoto olhou ao redor, com o entusiasmo não cabendo em si, e passou a mão nos cabelos que lhe caíam nos olhos. Queria ver se alguém podia vê-lo em seu momento de descoberta. Em Capimbataibirecanduba, havia treze casas, que abrigavam os quatorze moradores da ilha. Em apenas uma delas havia alguém na janela, observando Vado, que procurava os olhares admirados que costumava receber até pouco tempo antes. Esse alguém era seu pai, cujo olhar queria voltar a ser de admiração, mas que, por enquanto, era apenas de esperança. Na varanda de outra casa, um homem careca e de barba espessa estava deitado em uma

rede, afiando pedaços de bambu com uma grande concha do mar. Ele chegou a levantar os olhos até Vado, mas seus pedaços de bambu voltaram a ser mais importantes.

Então Vado foi em direção ao lado sul da ilha. Esperava que a breve caminhada que se seguiria pudesse fazer com que seu pai voltasse a se orgulhar dele. Mais do que isso, esperava que essa caminhada pudesse colocar comida em sua mesa. De fato, colocaria, mas Bisqui estaria de prontidão, esperando para derubar o garoto mais uma vez.

Mas já falei demais sem dizer quase nada. Esta história tem um começo, e os começos, como todos sabem, estão no início, não no meio. E tudo começou com uma pequena reunião entre dois cientistas e o prefeito de Capimbataibirecanduba.

AMOSTRA

2 O BIG-BANG

A história de Capimbataibirecanduba começa mesmo a partir do dia em que o prefeito convocou uma reunião com os dois cientistas da ilha. Isso, segundo os moradores do lugar.

Até esse dia, a ilha era apenas o mundo, o que é excessivamente genérico. Os moradores sabiam que a habitavam, mas não sabiam exatamente em que habitavam. Não que isso fizesse alguma diferença para eles, mas para um deles fez. Seu nome era Coisíades, aquele homem barbudo e careca que afiava pedaços de bambu. Coisíades era o responsável por definir de que coisas materiais os moradores de Capimbataibirecanduba precisavam. Foi ele quem disse que as pessoas precisavam de tinta de polvo para desenhar expressões no rosto, e de cascas de coco para chamar os demais em suas casas batendo as tais cascas, e de gravetos de bambu para fincar na areia da praia para que todos conversassem sobre a que altura a maré havia chegado. E eu não preciso dizer que, apenas com ele, as pessoas conseguiam essas coisas. Mas, de todas suas descobertas de necessidades, nenhuma foi tão aclamada quanto aquela de que os moradores da ilha precisavam de um desenho de seu próprio mundo, para que assim soubessem o quanto cada uma delas tinha de importância. E a conta era fácil: o grau de importância de cada pessoa seria ditado por sua semelhança com as dimensões da ilha.

Coisíades não era bobo. Era o mais alto da ilha, e também o mais gordo. Sabia que, quando a ilha fosse medida e desenhada, seria ele quem mais se assemelharia a ela, assim, ele se tornaria

o prefeito da ilha, ganharia só para ser isso e obteria ainda mais direitos para decidir o que seria necessário para a população.

Esqueci de mencionar que, entre as necessidades descobertas por Coisiades, estavam as conchas cor-de-rosa com duas listras brancas. Ele descobriu que, para as pessoas obterem outras coisas, teriam de arranjar um jeito de conseguir as conchas para trocá-las por essas coisas. Descobriu também que apenas as conchas que estivessem em poder de alguém teriam validade. Mais importante ainda, descobriu que ele próprio era esse alguém. Dias depois, a casa de Coisiades estava repleta de conchas cor-de-rosa com duas listras brancas. Então ele começou a solicitar serviços para os outros moradores, aos quais pagava com uma única concha. Quando as pessoas precisavam de alguma coisa que Coisiades dizia ser necessária, elas tinham de lhe dar cinco, dez, às vezes até quinze conchas por essas coisas. Desse modo, todos os moradores de Capimbataibirecanduba precisavam prestar-lhe muitos serviços para conseguir outras conchas e, assim, poder obter qualquer bem material.

No dia em que Coisiades descobriu a necessidade de um desenho da ilha, ele passou de casa em casa, contando à população sobre sua descoberta e avisando a todos que deveriam trabalhar muito para ele, a fim de reunirem a quantidade de conchas necessária para adquirir o desenho quando estivesse pronto. Uma dessas pessoas era Vado, que, na época, tinha apenas treze anos de idade, o que explica a clareza de pensamento que o fez perguntar:

— Mas quem fará esse desenho?

O pai de Vado, um homem de cabelos lisos e compridos, deu um beliscão no menino e sorriu meio sem graça para Coisiades.

— Desculpe o menino, Coisiades. — E voltando-se para o menino. — Isso é jeito de falar com os outros, Vadinho?

Coisiades riu e se abaixou um pouco para falar com Vado.

— E alguma vez eu deixei de fazer para vocês aquilo que descobri?

— Mas fazer desenhos eu também sei — respondeu Vado. — O que quero saber é como você conseguirá saber como a ilha é.

Embora o pai de Vado não se expressasse, notava-se que ele estava pensativo enquanto Coisiades se erguia novamente, com seu semblante sempre vitorioso.

— É verdade — disse o pai de Vado. — Só as gaivotas podem saber com a ilha é.

— O fato é que não preciso saber como a ilha é — explicou Coisiades. — Preciso apenas saber quais são suas dimensões, assim poderei desenhar duas linhas retas, uma cruzando a outra, e, dessa maneira, definir quem mais se assemelha às proporções da ilha.

— Ah! — exclamou o pai de Vado, e ficou ali, com a boca aberta, admirando a sabedoria de Coisiades.

Mas Vado era dono de um espírito mais vivo, de modo que não se aquietava facilmente.

— E quem medirá a ilha? — perguntou Vado.

— Eu, claro. — E o tórax de Coisiades quase cobriu a porta da casa de Vado, de tanto que se inflou.

Naquela noite, Vado rolou na cama tentando entender o que havia de errado e o que o incomodava tanto naquela história toda. Não precisava se esforçar muito para perceber que, sendo ele ainda uma criança, não tinha tamanho suficiente para figurar entre os mais importantes da ilha. E quem mais pode querer ser algo maior para o mundo do que uma criança? No entanto, essa falta de tamanho não refletia sua capacidade de raciocínio. Assim, no dia seguinte, ao se levantar e se deparar com todos os moradores da ilha reunidos na rua, não teve dúvidas: antes de sair para acompanhar a reunião, passou algumas instruções

para seu pai, pois apenas um adulto poderia verdadeiramente ter o direito à palavra, uma vez que todo o mundo sabe que as crianças são excessivamente fantasiosas.

Pela primeira vez na história, toda a multidão de catorze pessoas se juntou na única rua de Capimbataibirecanduba. Nunca houvera, até então, evento que justificasse tal agrupamento. Todos se olhavam como se ninguém conhecesse ninguém, e, de fato, não se conheciam, porque as verdades de cada um deles eram diferentes quando compartilhadas com diferentes pessoas. E assim é sempre, pois são os interesses pessoais que nos levam a coalizões e coisas do tipo. Afinal, pouco importa a um padre se você é o melhor bebedor de cerveja, também não há mérito nenhum, às vistas alheias, em qualquer oração feita em um botequim quando se está embriagado. Mas devo informar que em Capimbataibirecanduba jamais houve igrejas ou botequins, o que demonstra que minha comparação é absurda.

Não interessa. O importante é dizer que, naquele dia, um novo método de vida estava sendo criado na ilha, fruto da percepção de cada um de que um grupo de pessoas formava um novo organismo. Algo que pensava diferente, que respirava diferente. Algo que carecia de um nome próprio. Alguém poderia sugerir confusão, mas seria uma sugestão. No entanto, um organismo não sugere algo a si mesmo. Ele impõe.

Talvez Vado tenha percebido isso antes mesmo de acontecer a reunião. Talvez tenha notado essa nova natureza durante sua noite insone. Isso explicaria a grandeza de sua inteligência ao dizer a seu pai que tomasse a palavra antes mesmo que Coisíades começasse a falar. E foi assim que aconteceu.

Coisíades subiu em um toco de árvore e olhou por cima das treze cabeças abaixo dele. Na verdade, onze cabeças, porque a de Vado e a de Bisqui se perdiam entre as dos mais altos. O ato

de se fazer mais alto do que já era demonstrava os interesses de Coisíades, o que também não passou despercebido.

— Tá vendo, pai? Tem coisa errada aí.

— Oras bolas, Vado! O que está errado?

— Coisíades está mais alto do que ele é. Assim é mais fácil de ele ganhar o que ele mesmo definirá como certo — respondeu Vado, baixinho.

— Muito bem — começou Coisíades de cima de sua altura adicionada, mas foi interrompido pelo pai de Vado:

— Tem coisa errada aí — ele falou alto, mas sem saber muito bem do que estava falando.

Na verdade, ninguém sabia muito bem do que ele estava falando, pois jamais na história de Capimbataibirecanduba algo havia estado errado. Pelo menos ninguém havia notado algo assim, o que tornava aquela constatação uma verdadeira descoberta. E como todos olharam interrogativamente para o pai de Vado, ele teria de se explicar, mas não sabia se suas palavras fariam sentido. Gostaria muito que seu filho pudesse ter o poder da palavra, e foi o próprio Vado, notando a insegurança do pai, quem descobriu a solução. Imediatamente, o menino subiu nos ombros do pai, igualando a altura de Coisíades sobre o toco de árvore e superando todos os outros adultos, o que, por lógica, o transformava em alguém mais adulto do que todos eles.

Essa é a aparente vantagem dos problemas: obrigar a criar soluções, o que é tão idiota quanto paradoxal, mas serve muito bem para que títulos de sabedoria sejam distribuídos. Vado é um bom exemplo disso, pois tão logo subiu nos ombros de seu pai, todos da ilha perceberam que ali estava um gênio.

— Coisíades nos apresentou um problema que não existia, e fez isso sem saber, mostrando apenas uma solução: medir a ilha. Mas quem aqui conhece medidas? Não temos cientistas aqui, e

nem sequer sabemos se eles existem em algum lugar. Aliás, conhecemos todos os lugares. Como poderemos saber se a medida que será tomada por Coisiades será a correta? Precisamos de alguém que defina as tais medidas, e para isso, precisamos de alguém que tenha poder para dizer quem está qualificado para fazer a medição.

Não houve dúvidas. Descobertas são sempre descobertas, e saber que alguém mais além de Coisiades poderia fazê-las levou a população da ilha a perceber que sempre há opções. Diante de tamanha demonstração de sabedoria, alguém imediatamente gritou:

— Seja você essa pessoa e diga quem pode estar qualificado para fazer a medição, Vado.

Mas havia um problema. Para fazer isso, Vado teria de estar sempre nos ombros de seu pai, para ser um adulto, e seu pai não aguentaria.

— Não — respondeu Vado. — Essa pessoa tem que ser um prefeito, porque só um prefeito tem o poder de definir algo, mesmo que seja algo errado. E apenas alguém que usa óculos pode ser prefeito, assim terá uma desculpa quando cometer erros.

Havia na ilha apenas duas pessoas que usavam óculos. Uma era um velho que era velho demais. A outra era um homem que jamais havia sido chamado por ninguém e que, por isso, não tinha nome. E assim, minutos depois, Coisiades foi tirado de cima do toco de árvore, dando lugar ao homem de óculos, que passou a ser conhecido como Prefeito e se tornou a pessoa mais importante da ilha. Essa última constatação, obviamente, fazia com que a medição da ilha não precisasse mais ser feita, pois já havia sido decidido quem era a pessoa mais importante de Capimbataibirecanduba. Mas, se não fosse assim, não haveria necessidade de haver um prefeito ali. Vado, que havia descido

dos ombros de seu pai, ergueu a mão para poder ter a palavra e expor esse fato claro. Porém, no chão, era apenas uma criança. Quando estava prestes a voltar para os ombros de seu pai, o Prefeito ergueu as duas mãos sobre a cabeça da população e ditou sua primeira lei.

— De hoje em diante, fica proibido que duas pessoas sejam uma.

E isso explica por que, mesmo depois da posse do primeiro prefeito de Capimbataibirecanduba, a ilha continuou a não ter uma igreja.

Como puderam perceber até aqui, a população da ilha era muito grande e não caberia em uma narrativa, por isso, daqui em diante, focarei apenas as pessoas que fizeram a diferença em Capimbataibirecanduba. Afinal, como elas mesmas diziam, a história da ilha só passou a existir a partir do dia em que se deu a reunião do Prefeito com dois cientistas. Eu sei que deveria contar como esses dois cientistas foram escolhidos e empossados, mas, para ser breve, basta dizer que o Prefeito gostava mais de duas pessoas da ilha e, para que não houvesse dúvidas sobre a legalidade da escolha, pediu a essas duas pessoas que entrassem no mar e ficassem lá por vinte minutos. Assim, depois desse tempo, o Prefeito as chamou de volta a solo firme e anunciou a toda a população que havia trazido dois cientistas de fora para decidir qual seria o melhor método para a medição da ilha.